

A aparição de Jesus depois da morte

"O Espírito é que dá a vida, a carne não serve para nada". (Jo 6,63)

Em várias oportunidades, Jesus disse aos seus discípulos que, após sua morte, ressuscitaria. Preocupa-nos a compreensão correta do que, em seu conceito, seria a ressurreição. Vejamos a seguinte passagem:

Lc 20,37-38: "E que os mortos ressuscitem, é Moisés quem dá a conhecer através do episódio da Sarça Ardente, quando chama ao Senhor: o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos; para ele, então, todos são vivos".

Vejam bem: se Jesus, em se referindo a três pessoas que haviam morrido, diz que para Deus todos *"são vivos"* é porque nossa individualidade sobrevive após a morte; em outras palavras, estaria dizendo da nossa condição de espíritos eternos. Aquilo que chamamos de morte é apenas o processo pelo qual o nosso espírito, em seu regresso à dimensão espiritual, de onde veio, devolve à natureza os elementos constitutivos do corpo físico, cuja finalidade é viabilizar o seu desenvolvimento moral e intelectual. Em vista disso, é que devemos entender que a ressurreição, de que Jesus fala, não é a do corpo físico, e sim o ressurgir em espírito. Foi exatamente isso o que aconteceu com ele. Depois de sua morte esteve ainda na terra em seu corpo espiritual, conforme se encontra narrado em Atos: *"Após sua paixão, ele Ihes mostrou, com muitas provas, que estava vivo, aparecendo-Ihes durante quarenta dias e falando-Ihes do Reino de Deus". (At 1,3).*

Sabemos, por informação dos próprios espíritos, que eles se manifestam em seu corpo espiritual, denominado perispírito. Nele é evidenciada toda a evolução moral do espírito; assim, quanto mais luminoso, maior evolução; e, via de consequência, quanto menos luz possuir mais o espírito se encontra em degraus inferiores de evolução. Deve ser pelo motivo de sua luminosidade que, em algumas situações, Jesus não foi reconhecido pelos seus discípulos, como observamos neste passo: *"Depois disto, ele apareceu sob outra forma, a dois deles que estavam a caminho do campo"* (Mc 16,12). Vejamos todo o episódio pela narrativa de Lucas:

Lc 24,13-35: "Nesse mesmo dia, dois discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. Conversavam a respeito de tudo o que tinha acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou, e começou a caminhar com eles. Os discípulos, porém, estavam como que cegos, e não o reconheceram. Então Jesus perguntou: 'O que é que vocês andam conversando pelo caminho?' Eles pararam, com o rosto triste. Um deles, chamado Cléofas, disse: 'Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que aí aconteceu nesses últimos dias?' Jesus perguntou: 'O que foi?' Os discípulos responderam: 'O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em ação e palavras, diante de Deus e de todo o povo. Nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele o libertador de Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que tudo isso aconteceu! É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de madrugada ao túmulo, e não encontraram o corpo de Jesus. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos, e estes afirmaram que Jesus está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo, e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas ninguém viu Jesus'. Então Jesus disse a eles: 'Como vocês costumam para entender, e como demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram! Será que o Messias não devia sofrer tudo isso, para entrar na sua glória?' Então, começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele. Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: 'Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando'. Então Jesus

entrou para ficar com eles. Sentou-se à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles. Nisso os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles. Então um disse ao outro: 'Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?' Na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os Onze, reunidos com os outros. E estes confirmaram: "Realmente, o Senhor ressuscitou, e apareceu a Simão!" Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como tinham reconhecido Jesus quando ele partiu o pão".

O ponto mais importante dessa narrativa relacionado a esse nosso estudo é o fato de Jesus não ter sido reconhecido pela sua aparência, mas, tão somente por um gesto seu. Ora, isto prova que o seu corpo ressurreto não era o mesmo que tinha quando vivo, pois, se fosse, seria facilmente distinguido por todos e especialmente pelos seus discípulos, que conviveram diuturnamente com ele. Sendo assim, não se pode afirmar que ressuscitara no corpo físico como é comum ouvirmos de cristãos dogmáticos.

Sabemos que "Os Espíritos que se tornam visíveis se apresentam, quase sempre, sob as aparências que tinham quando vivos, e que pode fazê-los reconhecer". (KARDEC, 1993h, p. 108); então, a aparição de Jesus, aos dois discípulos, só pode ter ocorrido em outra forma, porquanto [os espíritos] "Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível, se tal é o seu desejo". (KARDEC, 2007b, p. 146). Não sabemos por qual motivo Jesus não ter achado conveniente se apresentar na aparência que tinha quando vivo; porém, é fato que tal possibilidade é do perispírito, seu corpo espiritual, e não do corpo físico.

O perispírito, por ser totalmente maleável, assumirá a aparência que o espírito, pela força do seu pensamento, queira lhe dar. Allan Kardec (1804-1869) confirma isso:

[...] Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível, donde resulta que a forma que toma, conquanto decalcada na do corpo, não é absoluta, amolda-se à vontade do Espírito, que lhe pode dar a aparência que entenda, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência.

Livre desse obstáculo que o comprimia, o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem. (KARDEC, 2007b, p. 81-82) (grifo nosso).

É oportuno ressaltar que, quanto mais evoluído for um espírito, mais facilmente conseguirá moldar o seu perispírito na aparência que desejar. Kardec explica-nos:

[...] O Espiritismo nos faz compreender como podem os Espíritos achar-se entre nós. Comparecem com seu corpo fluídico ou espiritual e sob a aparência que nos levaria a reconhecê-los, se se tornassem visíveis. Quanto mais elevados são na hierarquia espiritual, tanto maior é neles o poder de irradiação. É assim que possuem o dom da ubiquidade e que podem estar simultaneamente em muitos lugares, bastando para isso que enviem a cada um desses lugares um raio de suas mentes. (KARDEC, 2007c, p. 416) (grifo nosso).

Podemos, portanto, aceitar que Jesus tenha mudado a aparência do seu corpo espiritual; o que não temos é condição de avaliar porque motivo ele fez isso.

O relato do desaparecimento do seu corpo no sepulcro é fato que vem mantendo a crença de que ele teria ressuscitado fisicamente, quando, na verdade, isso não prova absolutamente nada, pois várias hipóteses poderiam ser levantadas para o seu sumiço. Esse assunto é, por demais, polêmico:

O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte há sido objeto de inúmeros comentários. Atestam-no os quatro evangelistas, baseados nas narrativas das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia depois da crucificação e lá não o encontraram. Viram alguns, nesse desaparecimento, um fato milagroso, atribuindo-o outros a uma subtração clandestina.

Segundo outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluido; não teria sido, em toda a sua vida, mais do que uma aparição tangível; numa palavra: uma espécie de agêner. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Assim foi que, dizem, seu corpo, voltado ao estado fluido, pode desaparecer do sepulcro e com esse mesmo corpo é que ele se teria mostrado depois de sua morte. (KARDEC, 2007e, 400).

Kardec procura analisar esse fato sem apegar-se à letra e nem preso às interpretações dogmáticas, e assim explica:

Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com circunstanciados pormenores que não permitem se duvide da realidade do fato. Elas, aliás, se explicam perfeitamente pelas leis fluidicas e pelas propriedades do perispirito e nada de anômalo apresentam em face dos fenômenos do mesmo gênero, cuja história, antiga e contemporânea, oferece numerosos exemplos, sem lhes faltar sequer a tangibilidade. **Se notarmos as circunstâncias em que se deram as suas diversas aparições, nele reconheceremos, em tais ocasiões, todos os caracteres de um ser fluido.** Aparece inopinadamente e do mesmo modo desaparece; uns o veem, outros não, sob aparências que não o tornam reconhecível nem sequer aos seus discípulos; mostra-se em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; sua própria linguagem carece da vivacidade da de um ser corpóreo; fala em tom breve e sentencioso, peculiar aos Espíritos que se manifestam daquela maneira; **todas as suas atitudes, numa palavra, denotam alguma coisa que não é do mundo terreno.** Sua presença causa simultaneamente surpresa e medo; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade de antes; sentem que já não é um homem.

Jesus, portanto, se mostrou com o seu corpo perispirítico, o que explica que só tenha sido visto pelos que ele quis que o vissem. Se estivesse com o seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo. Ignorando a causa originária do fenômeno das aparições, seus discípulos não se apercebiam dessas particularidades, a que, provavelmente, não davam atenção. Desde que viam o Senhor e o tocavam, haviam de achar que aquele era o seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, nos 14 e 35 a 38.) (KARDEC, 2007e, p. 398) (grifo nosso).

Essas considerações confirmam o nosso pensamento de que Jesus, após sua morte, se apresentou no corpo espiritual, ou, no linguajar espírita, no corpo perispirítico.

E para que se fique evidenciado que esses questionamentos não são só nossos, trazemos o teólogo Hans Küng (1928-), ex-padre católico, consultor teológico do Papa João XXIII e no Concílio Vaticano II, teve papel fundamental na redação do Vaticano II, cuja opinião transcrevemos:

4. Crer no Túmulo vazio?

Chegaremos rapidamente ao ponto fulcral, se levantarmos a seguinte questão: ao encontrar um túmulo vazio, quem suporia que o morto teria ressuscitado? O fato puro e simples de um túmulo vazio não significa nada por si só. Pois, para um túmulo vazio podem existir várias explicações, tanto hoje como outrora. São os próprios Evangelistas, defendendo-se de rumores tendenciosos judeus, que relatam tais explicações. Senão vejamos: o túmulo estava vazio? Então, só pode tratar-se de um roubo ou de uma troca do corpo ou de uma simulação da morte por parte do supostamente falecido. Ou pior ainda, a história da ressurreição é apenas uma ficção fraudulenta dos discípulos. Sim, ainda hoje, há quem acredite, contra todas as declarações das fontes autênticas, na tese da simulação da morte de Jesus. Estas teses pouco sérias são divulgadas

entre nós com títulos tais como: "Jesus, o primeiro homem novo". Uma ideia absurda tendo em conta os testemunhos históricos.

Ou seja, o túmulo vazio por si só não prova a verdade sobre a ressurreição de Jesus. Isto seria uma *petitio principii* declarada - pressupõe-se precisamente aquilo que tem que ser provado. O túmulo vazio por si só apenas nos permite tirar a seguinte conclusão: "Já não está aqui" (Mc 16,6). E acrescenta-se expressamente o que não é de todo óbvio: "Ele ressuscitou". (Mc 16,6). Esta mesma afirmação também pode ser feita sem a existência de um túmulo vazio.

Com tudo isto pretendemos dizer que o túmulo vazio por si só, segundo o Novo Testamento, não conduziu à crença no ressuscitado (no Evangelho de João a existência de um túmulo vazio não leva Pedro a crer. Apenas o discípulo predilecto é levado a crer por influência divina). Tal como em todo o Novo Testamento ninguém afirma que presenciou ele próprio - como em Grünewald - a ressurreição ou que conhece testemunhas oculares que presenciaram o processo da ressurreição, também não existe ninguém que afirme ter sido levado a crer no ressuscitado pelo túmulo vazio. Em passagem alguma os discípulos mencionam o facto do túmulo vazio para reforçar a fé da jovem comunidade cristã, nem para desmentir ou convencer os seus opositores. Portanto, não admira

- que o relato mais antigo do aparecimento de Jesus (1Cor 15,4) não relacione a ressurreição com o episódio do túmulo vazio;

- que também Paulo nas suas cartas não mencione o "túmulo vazio" nem testemunhas do "túmulo vazio" para corroborar a sua mensagem sobre o ressuscitado;

- e, por fim, que os textos do Novo Testamento exteriores aos Evangelhos não mencionem o túmulo vazio.

Hoje em dia, para nós isto significa que - estando o túmulo de Jesus vazio ou não do ponto de vista histórico - a fé na nova vida do ressuscitado junto de Deus não depende do túmulo vazio. O acontecimento da Páscoa não é condicionado pelo túmulo vazio, quando muito será ilustrado por este episódio. O "túmulo vazio" não é, portanto, um artigo de fé, isto é, razão ou objecto da fé na Páscoa. Consequentemente o "túmulo vazio" não tem que ser mencionado no Credo. Justamente aqueles que pretendem ser fiéis à Bíblia não têm que crer com base no túmulo vazio, nem têm que crer «no» túmulo vazio. A fé cristã não nos chama para o túmulo vazio, mas sim para o encontro com o Cristo vivo, conforme consta do Evangelho: "Por que procuram entre os mortos aquele que está vivo?" (Lc 24,6).

Acresce que, já no Novo Testamento, os detalhes das histórias à volta do túmulo vazio divergem fortemente. Senão vejamos: os guardas do túmulo, que em Grünewald caem para o chão encandeados pelo seu brilho e atordoados pelo seu poder, só encontramos em Mateus; a caminhada de Pedro para o túmulo só se encontra em Lucas e João; as mulheres só se encontram em Mateus e Maria e Madalena apenas em João. Tudo isto leva exegetas críticos da bíblia a chegarem à conclusão de que as histórias sobre o túmulo vazio não são mais do que retoques lendários da mensagem da ressurreição do mesmo tipo das histórias da Epifania do Antigo Testamento, que foram registradas por escrito muitas décadas depois da morte de Jesus.

Se observarmos com mais precisão, verificamos que no centro da história do túmulo vazio se encontra não no túmulo vazio, mas sim a seguinte mensagem curta da fé na ressurreição (da boca do anjo): "(...) ele ressuscitou". O mesmo se encontra em documentos mais antigos do Novo Testamento, na primeira carta aos Tessalonicenses do ano 51/52: "(...) Jesus, a quem ele (Deus) ressuscitou da morte (...)" (1 Ts 1,10). A história do túmulo vazio não deveria, pois, ser entendida como o reconhecimento de um facto, mas sim como uma elaboração lendária crescente da ressurreição, tal como também está presente na proclamação do (ou dos) anjo(s).

Faz sentido ler justamente estas histórias sobre o túmulo no domingo de Páscoa? Sim, faz todo o sentido. Aquilo que eu afirmei relativamente às histórias sobre o Natal aplica-se também a estas histórias, ou seja, uma história concreta como a dos discípulos a caminho de Emaús, um quadro preciso como o de Grünewald transmitem mais do que uma afirmação teórica, um princípio filosófico ou um dogma teológico. E todas estas histórias são um sinal clarificador e confirmativo de que para Jesus não terminou tudo com a morte, de

que Jesus não permaneceu morto e de que o ressuscitado é nada mais nada menos do que o Nazareno executado. (KÜNG, 1997, p. 122-124) (grifo nosso).

Estão, aí, portanto, as considerações judiciosas de um respeitável ex-padre católico, porque consultor de um papa.

Há, ainda, um outro ponto nessa passagem de Lucas (24,13-35), que não podemos deixar de falar. Vê-se, claramente, que, para os daquela época, Jesus é um profeta; portanto, isso é a prova categórica de que não o consideravam como um ser divino e, muito menos, como o próprio Deus.

Depois dessa digressão, voltemos ao nosso assunto em foco.

Também ao aparecer a Saulo, na estrada de Damasco (At 9,3-9), veio em sua plenitude espiritual, fato que impossibilitou, aos que presenciaram o fenômeno, de vê-lo, mas só conseguirem ouvir sua voz. Ao narrar esse acontecimento, Paulo diz (At 22,6-9): *"... aí pelo meio-dia, de repente uma grande luz que vinha do céu brilhou ao redor de mim"*, o que confirma o que estamos dizendo sobre o perispírito refletir a evolução moral.

A matéria, igualmente, não oferece nenhuma resistência a esse corpo perispiritual; como uma prova disso vemos o fato de Jesus ter entrado em ambiente totalmente fechado: *"Oito dias depois, os discípulos se achavam de novo na casa, e Tomé com eles. Jesus entrou, estando as portas fechadas, pôs-se no meio deles e os cumprimentou: A paz esteja convosco!"*. (Jo 20,26).

Podemos aceitar também que, em algumas circunstâncias, Jesus se materializou diante dos discípulos; nesse caso tornou-se tangível, o que podemos verificar quando diz: *"Olhai para minhas mãos e pés: sou eu mesmo! Apalpai-me e vede: um fantasma não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho! Dizendo isto, mostrou-lhes mãos e pés. Mas como hesitavam em acreditar, por causa da muita alegria, e continuavam espantados, Jesus lhes disse: 'Tendes aqui alguma coisa para comer?' Deram-lhe um pedaço de peixe grelhado. Ele o tomou e comeu na presença deles"*. (Lc 24,39-43). É bem provável que Jesus, ao se materializar, teve que se comportar como se fosse realmente de carne e osso, tendo em vista que nem os discípulos, nem os de sua época, tinham conhecimento dos mecanismos das manifestações espirituais para entenderem o que estava acontecendo.

Temos que convir que, em certos relatos do Evangelho, existem alguns exageros. Assim, determinados acontecimentos foram colocados buscando valorizar os fatos ou a pessoa que os produziu. Vejamos, como exemplo, o que consta em Jo 21,25: *"Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem escritas uma por uma, creio que nem o mundo inteiro poderia conter os livros que seriam escritos"*.

Dito isso, vamos à 1ª carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 15: *"Eu vos transmiti principalmente o que eu mesmo recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; que apareceu a Cefas, depois aos doze. Em seguida apareceu, de uma só vez, a mais de quinhentos irmãos, dos quais a maior parte vive ainda hoje, embora alguns tenham morrido"* (1Cor 15,3-6). Nenhum dos quatro evangelistas fala que Jesus teria aparecido a quinhentas pessoas; assim, podemos supor que isso pode ser apenas um exagero de Paulo.

É o apóstolo dos gentios quem dá uma explicação sobre qual será o tipo de corpo que ressuscitará. Vejamos, nessa mesma carta, a continuação de suas orientações aos coríntios:

1Cor 15,35-53: *"Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam? Insensato! O que semeias não readquire vida a não ser que morra. E o que semeias não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, Deus lhe dá corpo como quer; a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio. Nenhuma carne é igual às outras, mas uma é a carne dos homens, outra a carne dos quadrúpedes, outra a dos pássaros, outra a dos peixes. Há corpos celestes e há corpos terrestres. São, porém, diversos o brilho dos celestes e o brilho dos terrestres. Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos; semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória;*

semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo psíquico, há também um corpo espiritual. Assim está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente; o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é psíquico; o que é espiritual vem depois. O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu. Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres. Qual foi o homem celeste, tais serão os celestes. E, assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste. Digo-vos, irmãos: a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade. Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final; sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade".

É tão clara a explicação de Paulo que nos causa espécie ver que muitos não a entendem. Para ele há dois corpos; um o físico e outro o espiritual; e é com este último que herdaremos o Reino de Deus. A comparação que ele faz em relação ao fato de que Deus dá um corpo necessário a cada situação, leva-nos a ver que, sendo o plano espiritual (reino de Deus) uma outra dimensão, não resta dúvida que outro será o corpo para se ali vier, tal e qual têm os peixes um corpo apropriado para viverem na água e os pássaros para poderem voar.

Leiamos as colocações do estudioso Geza Vermes (1924-) sobre essa carta de Paulo:

[...] A esse respeito, a imagem de Paulo pressupõe uma sepultura (1Cor 15:4) de onde acredita-se que o Cristo morto foi ressuscitado por Deus. Ninguém sabe exatamente o que Paulo pensava que havia acontecido, mas ele destaca que o corpo ressuscitado de Cristo (ou qualquer corpo ressuscitado) não era físico e terrestre, mas espiritual e celeste (1Cor 15:42-49). Não obstante, este corpo espiritual é visível, como foi visto pelos apóstolos, discípulos e finalmente pelo próprio Paulo (1Cor 15:5-8). Ele não sabe ou explica para onde foi o corpo do Cristo ressuscitado; depois de uma série de aparições nos primeiros dias, semanas ou meses após a ressurreição já não se pensava mais que estivesse na terra. Sem dúvida, pode-se deduzir dos relatos de Paulo sobre a segunda vinda que o Cristo ressuscitado ascendeu aos céus para voltar depois como "primícias" (1Cor 15:23), à frente da esplêndida procissão dos que lhe pertencem. (VERMES, 2006, p. 110-111) (grifo nosso).

Por outro lado, até mesmo a questão de Jesus ter ficado quarenta dias no meio dos discípulos, poderíamos entender de outra forma, pois o número 40 possuía, para eles, um significado importante; observe:

- O povo hebreu permaneceu 40 anos no deserto;
- No dilúvio choveu 40 dias e 40 noites;
- Jacó ao morrer ficou 40 dias embalsamado;
- Moisés ficou no Sinai 40 dias e 40 noites, quando recebeu os Dez Mandamentos;
- Deus, por castigo, entrega os israelitas aos filisteus por 40 anos (Jz 13,1);
- Em desafio um filisteu se apresenta ao exército hebreu por 40 dias (1Sm 17,16);
- Davi reinou por 40 anos (2Sm 5,4);
- O templo tinha 40 côvados.(1Rs 6,17);
- O reinado de Salomão durou 40 anos (1Rs 11,42);
- Elias, após comer o que um anjo lhe dá, caminha 40 dias e 40 noites (1Rs 19,8);
- Jesus jejuou 40 dias e 40 noites.

Carlos Torres Pastorino (1910-1980), no livro *Sabedoria do Evangelho*, quando fala sobre como devemos fazer a interpretação da Bíblia, coloca:

Os números possuem sentido muito simbólico, assim:

10 – diversos

40 – muitos

07 – grande número

70 – todos, sempre.

Então, conclui: “não devem ser tomados à risca” (PASTORINO, 1964, p. 9).

Dessas aparições de Jesus, podemos realçar duas coisas importantes; a primeira, é que há vida após a morte, senão ninguém poderia aparecer depois de morto; a segunda, é que os mortos se comunicam com os vivos, por mais que alguns ainda venham a dizer que isso não pode ocorrer. A nós não resta dúvida alguma quanto a essa ocorrência, embora certas pessoas queiram sustentar que Jesus tenha se manifestado com o corpo físico; entretanto, isso, segundo nossa opinião, não condiz com o que podemos tirar dos acontecimentos.

Então Jesus não ressuscitou no corpo físico? Reafirmamos: Não, apesar de que isso possa lhe causar um certo choque, caro leitor; mas analisemos.

Quando se apresenta a Maria de Madalena, diz “*não me toques, porque ainda não subi para meu Pai*” (Jo 20,17); entretanto, a Tomé Ele disse: “*Põe aqui o teu dedo, vê as minhas mãos, aproxima também a tua mão, põe-na no meu lado*” (Jo 20,27), nos parecendo contraditório. Fica ainda mais difícil de compreender, quando colocam Jesus dizendo “*porque um espírito não tem carne, nem ossos, como vós vedes que eu tenho*” (Lc 24,39), e, na sequência (v.43), ele está comendo peixe com favo de mel. Tudo isso nos dá a impressão de ter sido um “ajuste” para sustentar a ideia de que a alma não sobrevive sem o corpo físico ou, quem sabe, para justificar a “ressurreição da carne”, contida no credo e transformada em dogma...

No livro de Tobias, narra-se um anjo fazendo coisas comuns aos seres humanos, inclusive comendo; mas, ao final, ele declara: “*Eu sou Rafael, um dos sete anjos... Vocês pensavam que eu comia, mas era só aparência... E o anjo desapareceu...*”. (Tb 12, 15-22). No caso de Jesus não poderia ter sido uma situação semelhante ou mesmo completamente materializado, conforme já o dissemos? Esta hipótese justificaria a possibilidade de que Ele poderia ser tocado, pois estaria tangível.

Mas, considerando que, em várias oportunidades, se manifesta e ninguém o reconhece (isso somente acontecendo após algum gesto dele), esse “não reconhecimento” não ocorreria se ele tivesse mesmo ressuscitado no corpo físico. Se fosse em espírito, dada sua evolução espiritual, poderia muito bem transparecer com tanta luz que não conseguiriam, de imediato, identificá-Lo. Teria Ele, quando vivo, dito algo que viesse a negar depois de morto, já que acreditamos que o que pregou foi realmente a ressurreição do Espírito?!

Os evangelistas são unânimes em dizer que o corpo de Jesus foi colocado num túmulo novo. As narrativas de Mateus (27,59-60) e Marcos (15,46) dizem que o túmulo era de José de Arimateia; já a de Lucas (23,52) não dá a entender isso, enquanto João (19,41-42) diz apenas que o túmulo estava localizado no jardim perto do lugar onde Jesus fora crucificado e o colocaram lá apenas porque estava perto; faltam dados para concluir que seria de José de Arimateia. Prestem a atenção à narrativa, pois foi dito “colocaram” em vez de “enterraram”; com isso não estaria mesmo para ser um lugar provisório?

Sobre isso, James D. Tabor (1946-), em *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*, faz as seguintes considerações:

Uma sepultura temporária

Os evangelhos relatam que José de Arimateia, um rico e influente membro do Sinédrio judaico, ofereceu-se para ajudar. José dirigiu-se ao governador romano, Pôncio Pilatos, e, usando sua influência e posição como membro do Sinédrio, obteve autorização para remover o corpo de Jesus da cruz e sepultá-Lo em caráter temporário. Presumivelmente, José não tinha sido chamado, na noite anterior, para o “juízo” convocado, às pressas, na casa de Anás e Caifás. Arimateia pertencia a uma minoria de influentes líderes judaicos que apoiava Jesus. Ele recrutara a ajuda de um homem chamado Nicodemos, também

membro do Sinédrio, que compartilhava sua simpatia pelo movimento messiânico. A questão que se punha era onde enterrar Jesus, temporariamente, em circunstâncias tão difíceis.

É crença generalizada que o túmulo em que Jesus foi posto naquele fim de tarde pertencia a José de Arimateia. Não é o caso. Esse erro se deve a uma breve glosa editorial do evangelho de Mateus, e nenhuma outra fonte que conhecemos sustenta essa teoria (Mateus 27:60).(1) Os evangelhos de Marcos e Lucas dizem apenas que "levaram o corpo e o colocaram em uma tumba talhada na rocha". O evangelho de João nos fornece um importante detalhe adicional: "No local em que Jesus fora crucificado havia um jardim, e no jardim havia uma tumba, onde ninguém ainda tinha sido sepultado" (João 19:41). É improvável que uma tumba recém-talhada, convenientemente localizada perto do local onde Jesus tinha sido crucificado, por casualidade pertencesse a José de Arimateia. Fato é que não temos a menor ideia de quem era o dono dessa tumba. Tinha sido recentemente talhada na rocha e ainda não fora usada, resolvendo, portanto, a situação de emergência que José e Nicodemos enfrentavam. Podiam colocar, temporariamente, o corpo de Jesus nessa tumba, até depois da Páscoa dos hebreus e dos feriados do Sabbath, quando a família voltaria e daria a Jesus um enterro de acordo com os costumes judaicos.

A mãe de Jesus, Maria, e sua companheira, Maria Madalena, seguiram José e Nicodemos à tumba, fixando sua exata localização. Já não havia tempo para preparar o corpo de acordo com os costumes judaicos, que incluíam lavá-Lo e ungi-Lo, e passar vários tipos de especiarias e perfumes para controlar o cheiro da decomposição. José e Nicodemos simplesmente enrolaram o corpo em um pano de linho, e o colocaram em uma laje de pedra, que serviria como local de descanso temporário, entre o fim da tarde de quinta-feira, a Páscoa, na sexta, e o semanal Sabbath, no sábado. Fecharam a pequena entrada do túmulo com uma pedra, cortada à medida, para afastar os animais ou os desconhecidos que pudessem passar por ali.

(1) A afirmação de Mateus, de que José de Arimateia depositou Jesus em "sua tumba nova, que havia aberto em rocha"; é um acréscimo editorial aparentemente sem qualquer base histórica. Sabemos que a única fonte de Mateus sobre a morte e o sepultamento de Jesus foi o evangelho de Marcos. Como Marcos nada diz sobre José ser dono da tumba, e Lucas, que também usa Marcos como fonte, não possui essa alegação, fica claro que Mateus acrescentou essa ligação, provavelmente por razões teológicas. Décadas após a morte de Jesus, quando Mateus escreveu seu evangelho, os cristãos estavam dispostos a provar que Jesus era a figura do "servo sofredor" de Isaías 53. Uma das coisas que diz Isaías sobre essa figura é que "puseram sua sepultura com os ímpios e com o rico na sua morte" (Isaías 53:9). Aparentemente, Mateus embarcou na ideia de um "homem rico" e queria atribuí-la a José de Arimateia, como forma de demonstrar que Jesus cumpria a profecia. Mateus tinha como característica editar suas fontes, na tentativa de inserir cumprimentos de profecias na vida de Jesus. Ele o faz dezenas de vezes. Mateus parece estar tão sequioso para extrair essa citação de Isaías 53:9, que parece ignorar o fato de que esse texto, caso aplicado a José de Arimateia, iria caracterizá-lo não só como "rico"; como também "ímpio"

(TABOR, 2006, p. 239-240). (grifo nosso).

E, um pouco mais á frente, Tabor completa:

Todos os quatro evangelhos do Novo Testamento dizem que a tumba em que Jesus foi colocado temporariamente foi encontrada vazia na manhã de domingo. Mas não se entenderam sobre quem teria chegado primeiro a ela e o que teria acontecido depois. O evangelho de João diz que Maria Madalena foi sozinha, sem ninguém, mesmo antes de o sol nascer, quando estava ainda escuro, encontrara removida a pedra que fechava a entrada, e o corpo ausente da laje em que fora colocado ao entardecer da quinta-feira. Ela correu de volta à cidade para procurar Simão Pedro e o "discípulo que Jesus amava", exclamando: "O Mestre foi levado da tumba e não sabemos onde o puseram" (João 20,2). Simão e o discípulo não nomeado correram até a tumba. Tudo o que encontraram foram os panos de linho em que Jesus tinha sido enrolado – o corpo sumira. Ninguém aventou, então, a hipótese de que Jesus tivesse sido ressuscitado dos mortos. A essa altura, a questão cingia-se ao desaparecimento do corpo. (TABOR, 2006, p. 244). (grifo nosso).

O que mais não fizeram para adaptar as narrativas às suas crenças?... É de se ressaltar que Tabor afirma categoricamente que “ninguém aventou, então, a hipótese de que Jesus tivesse sido ressuscitado dos mortos”. Logo é fácil concluirmos que foi algo que aconteceu posteriormente, que não se tem como precisar.

Em Atos (5,6.10), quando se narra a morte de Ananias, e, logo após, a de Safira, sua mulher, a expressão usada foi: “levaram para enterrar”, ou seja, em definitivo. Assim, por falta de maiores comprovações, podemos inferir que o lugar onde colocaram o corpo de Jesus não era o seu túmulo definitivo, o que, provavelmente, foi providenciado depois; daí a razão do desaparecimento de seu corpo, hipótese mais provável, tomando-se como base as narrativas bíblicas.

Por outro lado, no domingo de manhã, dois dias depois da morte de Jesus, algumas mulheres compraram perfumes e foram ao sepulcro para embalsamar o corpo (Mc 16,1; Lc 24,1); isso reforça a ideia de que ele estava ali provisoriamente. João (20,1-2) relata que somente Maria Madalena foi ao sepulcro, sem dizer o motivo, e que, ao encontrá-lo vazio, diz: “levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o puseram”; ou seja, falou exatamente o que seria de se esperar para uma situação provisória, ficando a dúvida, apenas, em relação a quem teria levado o seu corpo, e para onde.

Quem vai nos tirar desse impasse? Em Atos (16,7) Paulo e Timóteo tentam entrar na Bitínia; aí diz o texto: “mas o Espírito de Jesus os impediu”. Em 2Cor 3,17, Paulo afirma: “O Senhor é Espírito”. Pedro já nos diz que Jesus: “...sofreu a morte em seu corpo, mas recebeu vida pelo Espírito” (1Pe 3,18) e, mais adiante, nos dá outra informação, dizendo que Jesus foi pregar o Evangelho aos mortos (1Pe 4,4-6), o que Jesus só poderia ter feito em Espírito. Assim, tudo se converge para a ideia de que Jesus, após sua morte, ressuscitou em Espírito e suas aparições ocorreram mediante o fenômeno mediúnico que hoje é conhecido com o nome de materialização.

Interessante é que, à medida em que vamos lendo algumas coisas, surge-nos a ideia de algo em que ainda não havíamos pensado. O escritor Tobias Churton (1960 -), mestre em Teologia, informa que “os gnósticos entendem a imagem das 'vestes' como o corpo, o véu do espírito” (CHURTON, 2009, p. 91), em se referindo à passagem bíblica na qual um jovem, ao fugir, para não ser preso, deixa suas vestes para trás (Mc 14,51-52). Ocorreu-nos que, na ressurreição, as vestes, panos de linho puro, que envolviam o corpo de Jesus, também foram deixadas para trás (Jo 20,5-6). Não teria aí o mesmo significado gnóstico? E, pensando bem, se Jesus tivesse mesmo ressuscitado no corpo físico não teria saído totalmente nu do túmulo? Certamente que, ressuscitado em espírito, dessas vestes não precisaria; portanto, essa é a hipótese que explicaria o fato delas terem sido encontradas no túmulo. E, também, não podemos nos esquecer que o próprio Jesus havia dito: “... a carne para nada serve” (Jo 6,63) e que “quando os mortos ressuscitarem... serão como os anjos do céu” (Mc 12,25).

Estes dois passos, em o Evangelho de João, testificam a preexistência de Jesus:

Jo 8,56-58: “'Abraão, o pai de vocês, alegrou-se porque viu o meu dia. Ele viu e encheu-se de alegria”. Então os judeus disseram: 'Ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão?' Jesus respondeu: 'Eu garanto a vocês: antes que Abraão existisse, Eu Sou'”.

Jo 17,5: “E agora, Pai, glorifica-me junto a ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse”.

Considerando que antes de Jesus encarnar aqui na Terra ele já vivia, obviamente, na condição de espírito e, para que fique ainda mais claro, esclarecemos que não possuía corpo físico, mas, sim, um corpo espiritual; então, a questão que colocamos é: se antes ele tinha o corpo espiritual, por que razão ao voltar para o plano espiritual, de onde veio, ele teria que levar consigo o corpo físico? Ter-se-á com sair desse dilema sem apelar para: “isso é mistério”, chavão usado para tudo aquilo que não se tem reposta na teologia?

Como conclusão, portanto, fica-nos a certeza de que a ressurreição contida na Bíblia é a do Espírito e não a do corpo. E sendo a do Espírito teremos também que, forçosamente, admitir a comunicação dos espíritos dos “mortos” com os vivos, conforme o acontecido com o próprio Jesus após sua morte.

Está aí ainda evidenciada a necessidade de uma exegese mais realista dos fatos acontecidos, já que algumas versões, que os teólogos nos apresentam, muitas vezes, não condizem com a realidade.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Mar/2004.
(revisado nov/2011)

Referências bibliográficas:

Bíblia Sagrada, São Paulo, Edições Paulinas, 1980.

Bíblia Sagrada, São Paulo, Paulus, 1990.

Novo Testamento. S/ed. São Paulo: Loyola, 1984.

CHURTON, T. *O beijo da morte*. São Paulo: Madras, 2009.

KÜNG, H. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

KÜNG, H. *Credo: a profissão de fé apostólica explicada ao homem contemporâneo*. Lisboa, Portugal, 1997.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho, Vol. 1*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.

TABOR, J. D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VERMES, G. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006.